

Carlos Gentile de Mello, um otimista incorrigível

Carlos Gentile de Mello escrevia muito. Contemporâneos do movimento médico e ex-alunos lembram dele como um “grande orador”, “bem humorado, engraçado e irônico”, “vaidoso”, “lúcido e apaixonado” enfim, um democrata que nunca se abateu, mesmo em tempos mais sombrios. A máquina datilográfica portátil que carregava até nas viagens de férias com a família foi sua tribuna, de onde brotavam os artigos pautados por ideias em defesa de justiça e igualdade social.

Em “Medicina e política”, de 27 de novembro de 1978, um dos inúmeros artigos que publicou na *Folha de S. Paulo*, ele ressaltava que “em andanças por todo o Brasil, a convite da área universitária, sempre que os estudantes formulam perguntas cruéis costumo responder que meu assunto é saúde, somente saúde, nada mais que saúde.” Quem o conheceu lembra dessa sua frase, quase um bordão.

Naquele período, em que o país atravessava a metade final do regime militar, tempos de “abertura política” com o general Ernesto Geisel na presidência, Gentile de Mello já tinha uma trajetória de lutas. Por isso mesmo, não precisava fazer tantos rodeios para dizer exatamente o que queria, mas parecia atento aos limites impostos pelo contexto ainda um tanto asfíxiante. Ele era um dos nomes mais expressivos do movimento que lutava por reformas no campo da saúde, o que já tinha provocado sua prisão pelas forças repressivas em 1964, quando trabalhava com colegas do Serviço de Atendimento Médico de Urgência, o Samdu do antigo estado da Guanabara.

No mesmo artigo à *Folha*, ele explicou: “É essa atitude de prudência que me tem permitido prosseguir falando e escrevendo...”. Médico e professor, seus argumentos convenciam: “A sociedade deve ser entendida como um sistema de vasos comunicantes, isto é, a saúde, como o ensino, os transportes, as comunicações, não pode ser analisada como uma abstração teórica, desvinculada da realidade social”.

Trajatória de vida

Filho de Marianina Gentily e do engenheiro civil José Carvalho de Mello, Carlos Gentile nasceu em 17 de junho de 1918 em Natal. Formou-se em 1943 na Faculdade de Medicina da Bahia e clinicou por dois anos em Mucugê, uma das cidades mais antigas do interior baiano, na Chapada Diamantina. Veio para o Rio de Janeiro e começou a trabalhar como médico do Instituto de Resseguros do Brasil em 1949 onde, pouco tempo depois, assumiu a chefia.

Naquele mesmo ano, foi nomeado assistente da cadeira de clínica médica da Universidade do Brasil. Buscou especializar-se, optando por temas que envolvessem os serviços de saúde e a administração hospitalar, a que passou a se dedicar. No início dos anos 1960 fez o curso do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), lugar onde foram fomentadas as chamadas “reformas de base”, que pretendiam eliminar as desigualdades sociais a partir de transformações nas políticas econômicas, sociais e culturais.

Carlos Gentile também fez uma especialização na Escola Interamericana de Administração Pública da FGV e cursos de planejamento em saúde na Escola Superior de Guerra. Aí, dava aulas no curso básico de fundamentos sócio-econômicos na Escola Nacional de Saúde Pública. Em 1961 também ensinou no curso de especialização. Entre 1967-68 foi assessor de previdência social no Ministério

da Saúde e consultor científico em economia e administração médica da diretoria de saúde da Aeronáutica.

Ao longo dos anos 1950, nos plantões médicos que fez no Samdu, acabou conhecendo Nildo Aguiar, e tornaram-se grandes amigos. Nildo o levou, em 1969, para trabalhar na epidemiologia do Hospital de Ipanema. Lá, os dois implantaram a auditoria médica e promoveram mudanças, com a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar, que passou a ser uma referência de qualidade no atendimento aos doentes. Gentile de Mello ainda trabalhou no Serviço Social da Indústria, o Sesi, e foi supervisor médico da Álcalis, em Cabo Frio. Entre 1981 e 1982, colaborou com o Inca como assessor da administração médica da campanha de combate ao câncer.

ORADOR E ARTICULISTA

Além de seus quatro livros — Saúde e assistência médica no Brasil (Hucitec/Cebes, 1977); O sistema de saúde em crise (Cebes/Hucitec, 1981); Saúde oficial, medicina popular (Marco Zero, 1982), em parceria com D. Carrara; e A medicina e a realidade brasileira (Achiamé, 1983) —, Carlos Gentile de Mello publicou artigos em revistas técnico-científicas a partir dos anos 1960. Contudo, foi na imprensa que Gentile travou um perseverante combate a partir de 1975. Sua coluna semanal na página de opinião da *Folha de S. Paulo* contribuiu para a ampliação do movimento médico que começou a florescer durante os anos de abertura política.

Da mesma forma que conseguia fisgar leitores país afora, ele passou a difundir opiniões de Norte a Sul, nas conferências que fazia, “verdadeiras performances”, como ressalta o pesquisador Jaime de Oliveira, da Escola Nacional de Saúde Pública. Atendia a convites de centros acadêmicos de universidades, participava de simpósios médicos e debates políticos de sua categoria profissional, em que discutiam novas propostas e políticas para a área da saúde.

Onde estivesse, jornalistas de diários locais o procuravam para entrevistas e reportagens, em que repetia, sempre trazendo novos enfoques, os temas que o acompanharam ao longo de sua trajetória, dentre estes: a importância de se relacionar saúde e desenvolvimento; as denúncias contra a mercantilização da medicina e da saúde pública no país; a crítica contundente à distância entre o que os alunos aprendiam nas escolas médicas e as necessidades da maioria da população.

Da mesma forma com que marcava posição, tecendo críticas aos responsáveis por órgãos dedicados à saúde e à previdência social, Gentile de Mello se utilizava da imprensa sindical e de associações de classe, bem como nos jornais diários, para comentar resultados de estudos que traziam sugestões inovadoras no atendimento médico previdenciário e que, mesmo assim, não eram considerados na implantação de programas de governo. Ele também contava com espaço nobre para seus artigos no *Correio da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, no *Diário de Notícias* e no *Jornal do Brasil*. *Opinião*, *Movimento* e *O Pasquim*, três jornais da “imprensa alternativa”, publicavam suas análises e críticas ao sistema vigente. E todos, fossem os diários de circulação regional, de vários estados do país, ou os jornais e revistas de maior alcance e repercussão, faziam reportagens e entrevistas em que o personagem das notícias era o professor e sanitarista.

Ele se alongava, explicando e dando exemplos, como que para garantir que não restassem dúvidas com o leitor. “A reforma agrária seria a melhor forma de combater a doença de Chagas”, afirma em “A medicina do oprimido”, longo artigo na edição de 27 de março de 1978 do *Movimento*, em que cita as idéias de Samuel Pessoa, médico de uma geração anterior à sua, que tinha posições de vanguarda. Ele discutiu os papéis do médico, defendeu a realização de greves de residentes, denunciou a censura a artigos de jornalistas que descreviam as mazelas da saúde, entre inúmeros outros assuntos. Mesmo não tendo vivido para acompanhar as transformações no campo em que atuou por longo período, lidos agora, 30, 40 anos depois de escritos, os artigos de Gentile de Mello impressionam pela atualidade de suas teses.

Os médicos que conheceram Gentile de Mello o reconhecem como uma liderança singular e comentam as múltiplas facetas que compunham sua personalidade. Questionado sobre a importância da atuação do sanitarista, Jaime A. Oliveira comenta: “Costuma-se falar do Cebes como um marco de origem da chamada “Reforma Sanitária” brasileira, iniciada nos anos 1970. Mas, antes, e por muito tempo paralelamente ao Cebes, havia uma outra instituição chamada Carlos Gentile de Mello. Ele era, sozinho, uma verdadeira instituição de pesquisa, ensino e atuação política no campo da saúde pública”.

O pesquisador do Icict José Carvalho de Noronha também o considera um precursor. O I Simpósio Nacional de Saúde, “um marco na trajetória dos anos 1970”, contou com “a militância ativa” de Gentile. Ali, Sergio Arouca fez a apresentação do relatório final, “uma espécie de carta de princípios e agenda da reforma que orientará o movimento e desencadeará na 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, e inspirará fortemente o capítulo sobre a saúde da Constituição Federal de 1988”... “Muito das reflexões de Gentile se verão espelhadas naquele documento”, diz.